



“Eu só sei o que eu não quero”, ou a arte como ritual:
uma conversa com Getúlio Abelha

Renato Trevizano dos Santos¹

¹ Renato Trevizano dos Santos é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais (PPGMPA-ECA-USP), com pesquisa sobre Cinema/Literatura Queer e representações do corpo de Cristo e de santos. Bacharel pelo Curso Superior do Audiovisual (2018) da Universidade de São Paulo, com pesquisa sobre *queerness* e religiosidades em Apichatpong Weerasethakul e Tsai Ming-Liang. Curador de mostras no CINUSP "Paulo Emílio" entre 2016 e 2018, incluindo Mostra: Cinema Queer (2016), Novíssimo Cinema Brasileiro (2016/2018) e Corpo Desperto (2018), entre outras. Especialista em Processos Didático-Pedagógicos para Cursos na Modalidade a Distância pela Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP, 2021), onde atuou como facilitador de aprendizagem entre 2019 e 2021.

Email: renato.trevizano.santos@usp.br



Resumo

Em uma conversa com o cantor, compositor, performer e multiartista Getúlio Abelha, realizada virtualmente em agosto de 2020 — antes do lançamento de seu álbum de estreia, *Marmota* (2021) —, refletimos sobre videoclipes cuir contemporâneos, especialmente os de Getúlio, como *Laricado* (2017), *Tamanco de Fogo* (2018), *Aquenda* (2019), *Vá se Lascar* (2020) e *Sinal Fechado* (2020), mas também de outras artistas LGBTQIA+ brasileiras. Estabelecemos, ainda, algumas relações com outros períodos e obras, como o *underground* estadunidense, com destaque para a figura de Divine nos filmes de John Waters. Além dessas produções audiovisuais, recorremos a alguns teóricos de referência, como Judith Butler e Paul Preciado, para refletirmos sobre questões cuir, e a artigos contemporâneos sobre videoclipes (OLIVEIRA JR.; ZAIATZ, 2019; DRAVET; OLIVEIRA, 2015; SILVEIRA, 2015). São abordados aspectos religiosos e ritualísticos das obras comentadas, bem como sua inclinação ao improviso e ao desafio dos limites em vários âmbitos — político, religioso, de gênero e sexualidade, entre outros cruzamentos e encruzilhadas.

Palavras-chave: Getúlio Abelha; Movimento LGBTQIA+; Religião; Teoria Queer; Videoclipe.

Abstract

In a conversation with the singer, composer, performer and multi-artist Getúlio Abelha, held virtually in August 2020 — before the release of his debut album, *Marmota* (2021) —, we reflected on contemporary queer music videos, especially those by Getúlio, such as *Laricado* (2017), *Tamanco de Fogo* (2018), *Aquenda* (2019), *Vá se Lascar* (2020) and *Sinal Fechado* (2020), but also by other Brazilian LGBTQIA+ artists. Furthermore, we established some relationships with other periods and works, such as the North American underground, with emphasis on the figure of Divine in John Waters' films. In addition to these audiovisual productions, we used some theorists, such as Judith Butler and Paul Preciado, to reflect on queer issues and some contemporary articles on music videos (OLIVEIRA JR.; ZAIATZ, 2019; DRAVET; OLIVEIRA, 2015; SILVEIRA, 2015). Religious and ritualistic aspects of the commented works are discussed, as well as their inclination towards improvisation and the challenge of limits in various spheres — political, religious, of gender and sexuality, among other intersections and crossroads.

Keywords: Getúlio Abelha; LGBTQIA+ Movement; Religion; Queer Theory; Music Video.



Getúlio Abelha (Teresina-PI, 10 de julho de 1992) é um multiartista radicado desde 2012 em Fortaleza, onde sua produção artística, que experimenta com várias linguagens (música, teatro, performance, cinema/audiovisual etc.), floresceu e se expandiu pelo Brasil. Ao misturar ritmos nordestinos, como o forró e o brega, com influências diversas, que vão do pop ao punk/pós-punk (com *covers* de Madonna e de Depeche Mode, por exemplo), passando pelo cinema de horror e experimental, Getúlio aborda temáticas relevantes para a contemporaneidade, como questões de gênero e sexualidade, manifestações religiosas e suas implicações políticas.

Renato Trevizano dos Santos: Atualmente, há uma cena LGBTQIA+ brasileira muito instigante a integrar elementos religiosos e discussões sobre gêneros e sexualidades nas produções artísticas, que inclui você, Getúlio, e outras artistas espalhadas pelo Brasil — Ventura Profana², Jup do Bairro³, Linn da Quebrada⁴, Leona Vingativa⁵ e várias outras⁶. Acredito que seu videoclipe *Tamanco de fogo* (2018) seja uma das obras centrais deste momento. Uma questão que me ocorreu, pensando nesse contexto, primeiramente, diz respeito à recorrência — considerando também Stonewall e o movimento LGBTQIA+ organizado — de uma linha de frente das travestis negras, das mulheres trans. Nos seus videoclipes, estão presentes essas “manas”, a vivência em comunidade: *Aquenda* é emblemático nesse aspecto. Todas as corpas estão ali, juntas. O mesmo em *Tamanco de fogo* — no caso, era intencional que a pombagira fosse representada por uma mulher trans/travesti desde o início?

Getúlio Abelha: Eu tenho dificuldade de abrir o jogo, de definir mesmo o que eu faço, porque, quando penso no trabalho, não penso com definições, vou mais unindo elementos que estão na minha cabeça e formo ali. Mas tem aquela figura no final, que é trans, sim, que pega meu corpo. Mas não é como se se definisse a personagem como travesti ou não... ela está colocada ali. Não tem como dizer que não é, mas também eu não quero dizer “sim, é”. Isso foi diferente no clipe de *Aquenda*, em que, quando eu

² Cf. EU NÃO VOU MORRER - Ventura Profana y podenserdesligado. 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/MWZPd5EcJO8>>. Acesso em: 20 de outubro de 2021.

³ Cf. Jup do Bairro, Deize Tigrone - PELO AMOR DE DEIZE. 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/ObwMv6KF4tM>>. Acesso em: 20 de outubro de 2021.

⁴ Cf. Linn da Quebrada - Oração (Clipe Oficial). 2019. Disponível em: <<https://youtu.be/y5rY2N1XuLI>>. Acesso em: 20 de outubro de 2021.

⁵ Cf. Frescáh no Círio - Leona Vingativa. 2015. Disponível em: <<https://youtu.be/iUIJ-efTyKY>>. Acesso em: 20 de outubro de 2021.

⁶ Cf. Alice Guél - Deus é travesti (Audio Oficial). 2017. Disponível em: <<https://youtu.be/3idoszpCb8A>>. Acesso em: 20 de outubro 2021. BIXARTE - OXUM (A NOVA ERA, PARTE I). 23 abr. 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/LZVxqgpSI8o>>. Acesso em: 20 de outubro de 2021.



coloco a Olívia para nos “salvar”, estou querendo transmitir diretamente essa mensagem de que a travesti armada é quem está indo à frente, é ela que consegue parar o carro, que vai bater de frente com aquele homem, não é? No caso do *Tamanco de fogo*, não, é mais “sub, sub, sub”... Tudo lá é direto, mas não queria que fosse especificamente pontual, como “eu vou colocar aqui uma mulher trans para fazer uma pombagira”... Tanto que foi tu que teve essa percepção da pombagira, e eu só... “interessante, que bom que ele viu assim”, porque também não digo que é isso, mas fica tudo ali por trás, pela roupa, pela forma que as coisas acontecem. Então é isso, no *Tamanco de fogo*, é uma brincadeira, você que decide.

RTS: Sua figura, no videoclipe, é bastante ambígua. Tudo começa quase como um abuso de religiões fundamentalistas, e depois você assume o protagonismo, uma espécie de pastor cuir, em um culto diverso.

GA: Para mim, o clipe é bem representativo, no sentido de aquelas personagens representarem as figuras conservadoras que nos atingem. O que eu tinha em mente era: como colocar todos esses corpos e todas essas figuras para incorporarem a *performance* de quem nos apedreja? A ideia era esta: vemos essa *performance* do culto evangélico acontecendo com aquelas figuras tradicionais, e famílias, e com aquele tipo ali, então, vamos jogar um jogo diferente? Vamos botar as travestis, os veados, as não-binárias aqui para fazer essa *performance*, nesse espaço público? Vamos construir essa cena?... Entendeu? Porque eu sabia que isso ia gerar — que isso gera — vários conflitos. O primeiro conflito é de realmente ver... imagina que tu tem muito repúdio de um tipo de gente e tu vê aquela pessoa agindo e vestindo e produzindo um mesmo ritual que tu usa para ir contra elas... Então, tanto a música quanto o clipe surgiram nesta ideia: “como é que eu faço para misturar esses dois mundos aqui, um mundo surreal onde eu consiga jogar LGBTQ e conservadores em um universo só, e ver o que acontece?”

RTS: É fundamental a questão da ambiguidade e das fronteiras tênues. Os giros, as possessões e as incorporações, presentes em cultos tanto neopentecostais quanto afrobrasileiros, também são vistos no videoclipe de *Tamanco de fogo*. A certa altura, pode-se questionar: "Isso é um culto de quê?"

GA: Havia algo no meu subtexto: era importante que fossem corpos dissidentes atuando. Eu não queria chamar corpos com estereótipos de evangélicos para fazerem os papéis, tinha o interesse de colocar os nossos corpos ali. Na narrativa, é como se, na primeira parte do clipe, eles surgissem... eles saem do lixão, não é? Porque a música é a cegonha e o urubu, a cegonha me trouxe, e o urubu trouxe o pastor. Então, todos os



fiéis brotam do lixo. Há um fato que é: eles me sequestram mesmo, eles me forçam e me arrastam até o altar, como se me obrigassem a seguir aquela conduta, o ritual deles. Então, é como se a única opção que me restasse fosse tomar logo conta daquele ritual, ao invés de eu ir para lá como um fiel, eu incorporo logo: “Já que é pra ir, vamos de verdade...” Eu incorporo a coisa do pastor. É como se, nesse momento, ficasse a confusão, e as pessoas, quando assistissem, não entendessem com definição o que realmente está acontecendo ali.

RTS: Essa questão do culto e do ritual vai aparecer nos outros videoclipes, como *Sinal fechado*, que também deixa ambíguo aquilo a que se refere, se é "satânico", ou apenas a reiteração de uma ideia de ritual, já esvaziado de suas raízes, substancialmente pop, referenciando-se ao cinema, à música pop. No videoclipe, há referências declaradas a *Christine* (1983), por exemplo. Uma curiosidade: há também referência intencional a *Suspiria* (1977) (pensando especialmente naquele plano das meninas com vestidos brancos descendo as escadas diante dos vitrais)?

GA: Não... Na verdade, no nosso método de trabalho, em muitas coisas, quem assiste é que acaba encontrando suas próprias referências. Na nossa lógica de produção independente, tudo o que sai não é resultado de uma coisa pensada, comprada e planejada para sair daquele jeito — grande parte é a magia do improviso, não é? Para mim, a arte ocupou muito o lugar de ritual e de religião. Com os anos, fui me tornando cético em relação a muitas coisas, e acabou que a arte se tornou esse lugar de ritual para mim, de manifestações. Quando várias pessoas, tipo tu, veem várias referências brotando de vários lugares, mesmo que eu não tenha pensado nelas, isso é resultado dessa magia.

No caso desse clipe, foi nele que eu me permiti trabalhar mais como performer do que como diretor. Na realidade, eu não sou o diretor, então veio tudo de outra forma. E foi uma escolha, porque, até então, em todos os meus clipes, eu me colocava, eu criava uma situação e ia para lá improvisar, para ver o que acontecia. Óbvio que tinha um roteiro mínimo, mas, nesse trabalho, não. Então, o *Sinal fechado* vem muito com as referências do diretor [Lucas Sá], que eu fui aceitando. De algumas coisas não dá para fugir, por exemplo, a cena de ritual que eu faço. Quando ele pensou na cena, era de um ponto de vista de filme de terror americano, mas, quando eu cheguei, escolhi a roupa e performei, quando fui também direcionando as coisas para mim, veio muito mais para a coisa da pombagira. Foi algo de que não teve como fugir. Quando passou pelo meu corpo, e pelas minhas ideias no processo, foi para outro lugar. Mas também nada disso intencional. Inclusive, quando eu estava lá de madrugada performando, até fiquei com



medo de incorporar algumas coisas de verdade, tive que parar! Porque eram umas três horas da manhã, no centro histórico de São Luís, uma casa muito antiga, centenária... então, chegou uma hora que tive que estabelecer um controle, porque se continuasse, acho que eu ia perder o controle. Sei lá o que ia acontecer, ia virar um ritual, eu tive realmente que segurar a onda, porque se tratava de um trabalho com uma direção de outra pessoa, equipe de fora, cronograma. Se fosse um trabalho totalmente dirigido por mim, com certeza a experiência seria outra nesse sentido, eu ia deixar as coisas irem mais longe, e tal hora a gente teria um ritual real, uma incorporação real acontecendo.

RTS: Sobre improviso, existe ainda a abertura ao contato com o público, que interage com você em alguns clipes, como *Laricado, Aquenda, Vá se lascar...*

GA: *Vá se lascar* é muito, acho que é o mais extremo assim, não tem nenhum tipo de direcionamento. É simplesmente o carro a 300 km/h, na neblina, sem saber aonde vai dar. Realmente, um grande “vá se lascar”, é quase um “vou me lascar” também. Acho que ele é o mais extremo de todos.

RTS: Eu queria colocar a questão do horror cuir ante o risco da morte, que está também na sua produção. Por exemplo, em *Tamanco de fogo*, em que há o sangue derramado, um momento em que você é arrastado e, no fim, o corpo à beira-mar.

GA: No *Vá se lascar* eu falo literalmente isso: “Algum dia eu vou morrer”... É quando você já está assim: “Ah! Não tem mais nada a perder, vamos lá!”

RTS: Eu não tinha pensado nesse verso no sentido de uma morte LGBTQ especificamente, mas mais em um sentido filosófico...

GA: Mas é que ela também está inserida, essa morte pode ser um ataque. Por exemplo, durante o clipe inteiro, tem várias circunstâncias em que eu estou em situações muito vulneráveis. Há pessoas, sim, que podem agir diante de mim de qualquer forma. Eu estou de salto, de vestido, em um mercado cheio de homem, correndo atrás do carro da polícia, e os homens todos rindo, muito alcoolizado na Praia de Iracema de manhã, bêbado depois do carnaval, caindo no chão, todo sujo... pedalando de bicicleta de madrugada, com a cara toda pintada... Essa morte pode ser assim também, ela pode vir desse jeito, que se conecta com a música *Perigo* (2021), que eu até postei esta semana, em que a minha cara está toda suja de sangue.

RTS: São as vidas mais precárias, segundo a Butler (2015). Toda essa questão da precariedade, e aqui inclusive a lida com materiais do lixo, está clara também



desde o primeiro plano do *Tamanco de fogo* e em outros dos clipes, como no *Vá se lascar*, que tem o caminhão de lixo, não é?

GA: Eu só não entro, só não caio lá dentro, porque realmente o carro ia me triturar, mas é eu me colocando nesse lugar mesmo. Assim: “Se vocês estão colocando tudo isso para mim, se vocês estão colocando tudo isso para a gente, então eu vou mais fundo ainda, eu quero ser o cocô mais podre, eu sou o tapuru⁷, entendeu? Eu vou ser a bosta velha, pronto, vamos lá!”. Já chega, também, eu não quero ficar lutando por um lugar que não está aberto — até quando ficar lutando por lugares que não estão abertos para mim? Então, eu vou assumir o meu lugar, vou mergulhar nele, e vou encontrar algo para mim lá.

RTS: **É algo extremamente marginal, *underground*, cuir, e acredito que muito punk também, no *Vá se lascar*, inclusive pela imagética — seu cabelo, sua maquiagem —, chegando a remeter ao *trash* norte-americano. Creio que seja uma referência que valha a pena recuperar, especialmente Divine e John Waters.**

GA: É muito doido isso, porque eu me identifico demais, só que, ao mesmo tempo, tudo isso, hoje em dia — até para as pessoas que se consideram com a mente mais aberta —, é muito delicado, porque o cancelamento está aí... Por exemplo, a Divine seria cancelada hoje em dia. Eu acho que a gente chegou a um momento em que toda oposição ao fascismo veio de uma maneira tão furiosa que, em alguns pontos, corre o risco de você, vivendo e aplicando algumas transgressões, ser comparado ao fascismo ou a qualquer tipo de movimento fascista ou conservador pelo fato de você trabalhar com alguns limites.

Eu acho que a arte, hoje em dia, não está muito preparada para os limites, ou exige um limite muito grande. Mas isso eu não digo de pessoas conservadoras, de pessoas de direita ou de fascistas, eu digo de pessoas de esquerda, de pessoas “da arte”. Eu tenho certeza de que várias cenas de *Pink Flamingos* (1972) seriam canceladas hoje. Várias. Então, está tendo uma linha muito tênue aí, muito complexa, onde uma tentativa de antifascismo está se tornando limitadora.

O cancelamento também está tornando tudo muito limitador, porque já não existe margem para discussão, não existe margem para risco, para um artista cometer algum equívoco e a sociedade debater isso em um sentido de entender falhas ou o resultado dessa experiência, sem ser de uma maneira julgadora e tentando anular esse artista para sempre a partir de uma experiência artística que não deu certo. Por isso, acho que a Divine seria cancelada hoje em dia.

⁷ Tapuru é um termo popular que designa as larvas de moscas.



RTS: Quando você fala que quer ser “o cocô podre”, isso ecoa muito a Divine mesmo. Tudo o que jogaram nela, ela pega e devolve em maior intensidade. Percebo isso em alguns dos seus clipes também, performances de fato arriscadas.

GA: Uma coisa que eu sempre pensei para mim, principalmente nos primeiros clipes, que eu não fiz com essa produção montada, era isso, eu tinha interesse em colocar meu corpo realmente em um lugar de risco, inclusive durante a gravação. Eu não queria criar farsas, cenários *fakes* para isso. Não queria criar um cenário bonito, um *look* legal e pronto, tanto que o *Laricado* é o que é. É aquele lugar ali em que eu vou perfurando a camada gostosinho, sem muita pancadaria. Já o *Tamanco de fogo* se passa em uma favela de Fortaleza, e só na avenida principal deve ter no mínimo umas dez igrejas evangélicas. Desde que decidi fazer o clipe ali, eu pensei: “Pode ser que eles venham aqui e interrompam tudo, mas aí é que está. Se tudo acontecer, filma até o fim”. Inclusive, para os meus amigos que filmaram o *Vá se lascas*, tudo espontâneo, eu sempre dizia: “Olha, você não precisa me ajudar, se tudo acontecer comigo, não me ajuda, só filma, vamos ver até onde as coisas vão acontecer. Se eu cair no chão e tu ver sangue, não larga o celular. Se alguém vier e bater na minha cara, não para de filmar, filma toda a situação”. Porque para mim sempre foi instigante, eu sempre quis me colocar nesse lugar da performance mesmo, de acontecer de fato, e não ser uma representação.

RTS: Eu queria retomar um ponto do que você estava comentando sobre a oposição de esquerda ser acusada de práticas fascistas em um contexto de ataques fascistas. Quais são os limites entre a censura fascista e a “censura” de esquerda? Vemos muitos casos de censura a conteúdos cuir, como *O Evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu* (2017), peça em que a atriz travesti Renata Carvalho interpreta Jesus, tendo sofrido censura de prefeituras e governos ao redor do Brasil, assim como o boicote à exposição *QueerMuseu* (2017). Só para ressaltar que existem esses atos oficiais, com um peso diferente de uma “censura” ou de uma militância que cria limites. Mas sim, eu entendo e concordo que a militância está caminhando em um sentido muito delicado em relação ao diálogo e às formas de proceder, inclusive entre os seus, entre os pares.

GA: Principalmente, na verdade! Para mim, o maior problema está aí. É a falta de percepção sobre quem está com você ou não. Por mais que a pessoa que esteja com você possa falar ou extrapolar algo que é um limite seu, eu acho que está faltando essa sensibilidade de entender quem está com você.



RTS: A militância também está lidando com ambiguidades, entre o “bater de frente” e a criação de redes de afeto e apoio. Acredito que são muitas as formas de pedagogias, aprendizados... Você tem esperança nessas outras formas? Na possibilidade de essas trocas de afetos, de essas formações de comunidades serem mais amorosas do que na base do choque?

GA: Eu tenho dúvidas, eu vivo esse conflito o tempo inteiro. Eu não gosto de pensar que existe uma forma certa para isso, gosto de pensar na importância de cada grupo, de cada pessoa agir da sua forma. O mundo é muito diverso para a gente acreditar que existe uma forma certa de se fazer isso. Imagina o quanto eu, com o meu forró de não sei o quê, atingi uma camada de Nordeste, de cearenses, pois a abordagem é diferente. Então, eu gosto muito mais de pensar que é importante que existam todos os tipos de manifestação. Desde as mais violentas às mais sutis. E a gente aprender a respeitar isso dentro do nosso contexto, a ter um pouco de sensibilidade mesmo, de entender que cada um tem sua relevância e sua importância em níveis diferentes, até porque não é todo mundo que está preparado para ir do dia para a noite para uma Linn da Quebrada, falando do jeito que fala e apontando as coisas do jeito que aponta. A gente precisa de degraus, e esses diversos níveis e essas diferentes formas de artistas LGBTQ se expressarem, fazerem seus trabalhos, é que vão formando esses degraus, para que a gente chegue a uma abertura de mentes.

Mas o que eu estava tentando falar mais era em relação a nós dentro da nossa própria comunidade, isso de entender quem está do seu lado, mesmo tendo cometido falhas, entende? Para mim, isso é um dos pontos que tem atrapalhado tudo, porque parece que estão procurando uma pessoa perfeita, que vem com uma fórmula pronta de como ser um ser humano incrível, desconstruído, que jamais errou e que jamais errará, e que são deuses, e que precisamos massacrar urgentemente qualquer pessoa que tenha cometido qualquer ato falho, mesmo que esse ato não tenha sido proposital. Para mim é meio frustrante.

[Sobre as diversas formas de expressão e militância,] creio que tem que ter bomba de todo jeito, explodindo para todo lado. O lance é não ter limites, não ter uma fórmula. É muito chato, porque, na minha cabeça, muitas coisas funcionam por essa lógica. É exigida muita definição de tudo, o tempo inteiro, e eu tenho muita dificuldade de fazer isso, porque eu sou muito mais [a favor] de as coisas surgirem, de as coisas existirem, pronto. Mas isso é só falando do meu papel, porque o que seria do mundo sem acadêmicos ou sem pessoas que estão lá nos ajudando a definir, a categorizar coisas, para nos entendermos melhor? Então, por favor, que existam cada vez mais possibilidades, cada vez mais tipos de manifestações do mundo, que os teóricos fiquem loucos tentando categorizar, que a gente fique louco tentando apreender tudo, que todo



mundo fique louco tentando apreender todas as siglas... eu acho que tem que expandir, que o caminho está sempre, sempre aberto. Então bora, é para botar o terror? Vamos botar o terror! (*risos*). Mas também é para a gente dar amorzinho, fazer uma coisa bem didática, na televisão? Vamos também! Vamos, vamos lá, vamos lá, sabe? Inclusive no processo de criação.

Por exemplo, quando me pedem conselhos, “Getúlio, eu quero começar uma carreira, como eu faço?”, eu digo: “Meu amor, ligue o foda-se mais forte que você puder”. Essa coisa de referências são superimportantes, mas eu acho que um primeiro passo é o contrário de você ter referências, é o contrário de você procurar algo para você fazer, para você tentar aplicar igual. Eu acho que tem que ser o contrário... ou você mergulha em você mesmo, tentando se abdicar e se livrar ao máximo de qualquer referência que você tenha, para tentar encontrar algo que seja bastante genuíno seu, ou você não se apega a nada. Meu processo criativo é totalmente sobre: “Eu só sei o que eu não quero”. E eu acho que isso serve para tudo, deveria servir para muita coisa no mundo, inclusive para as manifestações. Eu só sei o que eu não quero fazer, de resto, está tudo aberto. Se é para colar em um bonde de terroristas, vamos; se é para colar em um bonde de poetas infantis, pois vamos. Então eu acho que é muito mais sobre você só saber o que você não quer, e saber no que você não acredita, e deixar as outras portas abertas. É como a questão da religião, eu não acredito em nenhuma religião, mas não descredito de nenhuma. Ou métodos de se fazerem as coisas. Eu prefiro acreditar em todos. E apostar neles em algum momento.

É quase meio oportunista, como algo de conveniência, e eu comecei a admitir isso, porque eu percebi que as pessoas cobram muita coerência, e comecei a me irritar muito, como se algo que eu dissesse ou fizesse hoje tivesse que perdurar, ou que amanhã eu tivesse que estar com a mesma ideia, com a mesma formação, como se eu não pudesse mudar. Eu comecei a me irritar. Eu tenho uma prima que sempre me questionava, por exemplo, “Tu vive falando mal dessa novela, mas assiste a ela todo dia”. Eu fiquei: “Sim, eu assisto a ela todo dia, eu preciso, eu estou aqui, eu quero ver, continuar vendo nem que seja pra falar mal dela, eu preciso”. Eu quero que as minhas portas estejam abertas para o que eu gosto e para o que eu não gosto, para o que eu acredito e para o que eu não acredito, porque eu preciso de mais caminhos, eu preciso de mais espaço, não quero limitar a minha trajetória, limitar as possibilidades, eu quero que elas sejam infinitas. Então, quanto mais pessoas mostrando seu cu de um jeito diferente, melhor.

RTS: “Eu só sei o que eu não quero”. Esse é o ponto. Isso vale para muitas experiências, não é?



GA: Desde a criação, quando eu estou fazendo uma música ou qualquer coisa, está tudo aberto... circulando um negócio o tempo inteiro, tanto que você só falta ficar doido, e tem uma hora em que você precisa deixar alguma coisa ali, porque também tem que ter cuidado para não se perder demais nessas possibilidades abertas e acabar de mãos vazias, não é? Mas tem uma coisa desse negócio de “eu só sei o que eu não quero”, a minha filosofia de criação é essa, que é assim: alguém chega e diz “isso vai ficar clichê”; mas ser clichê não vai ser um problema para mim, porque o importante não é se está clichê, se está inovador, se está não sei o quê: há coisas que você simplesmente não quer. Inclusive não querer inovar, não querer ser diferente, porque existe essa cobrança o tempo inteiro, somos muito cobrados disso, deve ser fruto do capitalismo. Estamos o tempo inteiro achando que as melhores coisas são inovadoras, que o artista mais legal do momento é o que está inovando mais, inclusive somos viciados nisso. Eu sou muito viciado em ser inovador, mas percebi que a fórmula de inovar é exatamente não estar nem aí, não me preocupar se algo é clichê. Porque, no fim das contas, tudo está dado, nós só misturamos as coisas do nosso jeito.

Algo que me ajuda muito em relação a essa questão do clichê é que eu aceito a possibilidade de ele estar ali, mas eu não me conformo em fazer o que está acontecendo, o que todo mundo está fazendo. Só que não pela perspectiva de que eu preciso ser inovador, ou de que não posso ser clichê, mas porque a única maneira que eu me sinto útil é quando eu estou desbravando lugares que eu vejo que estão sendo pouco desbravados. Tem essa questão da motivação, não é? O que me livra do clichê não é o medo que tenho dele ou sua rejeição, mas o fato de que eu tenho interesse por desbravar, porque a minha motivação está aí. Quando um clichê atravessa o seu trabalho ou as suas ações, não tem problema, é pequeno diante disso, esse clichê é só um clichê, e é ótimo, ele precisa estar ali, eu o quis ali.

RTS: São imagens reconhecíveis, com as quais as pessoas podem criar uma relação — por vezes, imediata —, trazendo ainda suas referências. O diálogo entre a produção e a pesquisa também me parece frutífero.

GA: Sim, é show! Eu preciso muito mais saber das pessoas o que elas veem do que eu estou fazendo do que o contrário. Eu sinto zero necessidade de falar sobre o que eu faço. Eu só falo mesmo porque é cultural e é gentil, mas sou eu que quero saber o que as pessoas veem, qual a referência delas. Não interessa o que eu estou fazendo, qual foi a minha fonte quando eu criei aquilo, no fim das contas — eu estou falando a grosso modo, está bem? —, cada pessoa vai encontrar ou descobrir seu interesse ali, e esse é que é o especial para mim, é disso que eu gosto. É uma possibilidade de eu ser cada vez mais inteligente, mais rico, a partir do retorno das pessoas sobre algo que eu fiz. O



texto⁸ que tu fez foi extremamente rico, fez inclusive eu descobrir, sintetizar muito mais sobre o que eu faço do que aquilo que eu mesmo conseguiria definir, ou descrever. Tu fez isso melhor do que eu.

RTS: Fico feliz! Tento misturar algumas disparidades, o que nos leva para esse lugar de também ir contra a coerência, na pesquisa e na produção artística — contra a coerência identitária inclusive. Parece-me que as coisas vão se encontrando e se sintetizando assim.

GA: Sim, mas eu fico muito desanimado, porque não vejo [isso] — no meu caso, que trabalho com pop, com o povo —, eu fico desestimulado, porque sinto que as pessoas não estão prontas para isso. Parece que as pessoas exigem uma coerência, e uma birra, uma fixação. Eu me sinto meio triste, porque isso te obriga a ficar congelado pela “falta de capacidade” — não intelectual, mas acho que é cultural, talvez — das pessoas de se permitirem entender as mudanças. Porque isso é péssimo para todo mundo, isso impede até elas mesmas, além de impedir as outras pessoas de mudarem de ideia ou de experimentarem outras coisas. Elas acabam se impedindo também, de modo que fica todo mundo meio congelado, tentando manter uma pose, e isso se mistura com ego, ainda, como: “Eu falei isso, agora eu vou ter que manter até o fim”... Parece que você tem que firmar compromissos profundos com tudo a que se propõe, sendo que meu compromisso, por exemplo, é muito mais com a busca por sabedoria, ou por coisas que acrescentem.

Eu fiz o *Laricado*, que conquistou todo um público cearense, o pai, a mãe, a tia, os humoristas, e pensei: “Não, eu vou vir logo é com o *Tamanco de fogo* depois, porque aí já vai bater na cara”. Só que é engraçado que o *Tamanco de fogo* nunca causou um choque. O *Tamanco de fogo* nunca me gerou conflitos. O *Tamanco de fogo* nunca me gerou questionamentos de nenhum religioso, de nada nem de ninguém, nunca, nunca. O *Tamanco de fogo* é muito mais motivacional e apreciativo. Até que eu fiz meu primeiro show no Dragão do Mar⁹, meu primeiro show foi lá, em um festival, e pegaram uma performance minha cantando uma música de forró daqui, “Ânsia”, em que eu estou de biquíni com os meus dois dançarinos... isso virou um fenômeno, teve 25 mil compartilhamentos, e eu não estava falando palavrão, não estava fazendo nada, só

⁸ SANTOS, Renato Trevizano dos. “Herança marginal no videoclipe cuir contemporâneo”. *Que horror*. 30 de novembro de 2018. Disponível em: <<https://qorror.wordpress.com/2018/11/30/heranca-marginal-no-videoclipe-cuir-contemporaneo/>>. Acesso em: 17 de janeiro de 2022.

⁹ O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, localizado na Praia de Iracema, em Fortaleza-CE, é uma relevante instituição cultural brasileira, inaugurada em 1999 com o intuito de formar público para diversas linguagens artísticas (Circo, Teatro, Dança, Literatura, Fotografia, Performance, Música, Cinema e Pontos de Cultura), sendo a maioria dos eventos gratuitos ou a preços simbólicos.



cantando uma música romântica, de biquíni, abraçando os meus bailarinos. Então, é impressionante como o sexo, o corpo — não sei se só no Brasil —, mas como tudo isso é muito mais impactante do que um trabalho que eu faço diretamente descendo a lenha na fogueira em cima da religião. É muito chocante, porque, para o *Tamanco de fogo*, eu acho que essas pessoas sequer têm cabeça, ou mente, ou percepção para entender o que está sendo dito ali. Para elas, foi muito mais fácil ver, processar e apedrejar eu de biquíni dançando com meus bailarinos, do que eu falando em capeta meio-dia na TV aberta.

RTS: É surpreendente para mim esse relato, porque eu imaginaria justamente o contrário. A música consta até como “explícita” no YouTube.

GA: Sim. Eu ia te jogar uma coisa, que eu estava dizendo: primeiro, é a importância desses degraus, porque essas coisas sequer chegam, por mais que passe na frente dos olhos dessas pessoas, elas não conseguem nem ver, entendeu? É por isso também que eu ressalto a importância da diversidade de manifestações. Porque, por exemplo, eu tenho certeza de que o trabalho da Linn da Quebrada tem uma força muito maior pelo sucesso que faz entre pessoas que amam ela, do que entre pessoas que não gostam dela, entende? Quer dizer, a força do trabalho dela está no fato de a gente ouvir, processar as informações dela e ela criar discípulos, que, na “vida real”, no dia a dia, é que vão ter esse empoderamento, essa força para colocar o macho no lugar dele — mas um macho não é questionado pela música da Linn que ele ouviu em algum lugar, porque ele sequer ouve, e se ouve, é por uma coincidência muito grande, e a reflexão que ele possa ter, caso ele tenha acesso, é muito menor do que o nosso peso, que a admiramos e que absorvemos essa imagem e a aplicamos ao cotidiano.

Então é isso, acho que trabalhos como esses, como *Tamanco de fogo*, são muito mais motivacionais dentro da nossa própria rede do que trabalhos que vão, de fato, enquanto obra, questionar diretamente algum público que seja o alvo dessa crítica. Até porque ele não está tocando na rádio, não está passando na Globo, então quem tem acesso mesmo é só a gente, não é? Ele é um trabalho que não é direto no alvo, ele passa pelo público que o consome antes de virar ação. Não é como na época da Tropicália, em que realmente as pessoas ouviam, que passava na TV aberta. Você ouvia “Alegria, alegria” na TV aberta, mas você não vai ouvir “Tu podia até ser o último boy do planeta...”

RTS: São questões complexas. Mas isso não deslegitima de modo algum essa produção, não é?



GA: Não, eu acho que é o contrário, é isso que eu estou dizendo, aí é que é rico, entende? Exatamente todas essas possibilidades que enriquecem. O que eu estou dizendo é o contrário de deslegitimar. Imagina que alívio termos artistas que só nós acompanhamos, do nosso gueto, da nossa tribo, de quem estamos perto, que estão se comunicando com nossa linguagem, e nos inspiram, e podemos agir a partir da nossa experiência juntos. E assim, é só vermos os números, porque, por exemplo, *Oração* [tem] um milhão de visualizações. Estamos falando de um mundo em que um milhão de visualizações é uma *live*. É uma hora de *live*. O Gustavo Lima tem é um bilhão de visualizações, entendeu? É um *bilhão*.

Estamos em uma situação muito complicada, em que as coisas não nos favorecem para que as nossas imagens sejam icônicas e fiquem registradas no meio dessa quantidade de imagens. Porque, por exemplo, imagine o quanto de imagens dentro do nosso contexto são icônicas, são transformadoras, nos influenciaram etc., e daqui a alguns anos talvez se lembrem, no máximo, da Anitta no *Vai malandra*, quando estavam discutindo se ela era objetificada ou empoderada. Porque o excesso de imagens está tão grande, e o acesso também, que, no fim das contas, o que restar de imagens vai ser uma faisczinha, a pontinha do iceberg de um debate muito mais profundo que aconteceu por trás, e que nunca vai ser visto, reconhecido, de fato. Não sei se tu tá entendendo...

RTS: Estou entendendo, mas creio que seja disputa. Dá para disputar esses espaços e essas imagens, as imagens que vão ficar. Não?

GA: Sim. Mas o que eu estava dizendo é que ainda assim é muito difícil para nós. Porque essas imagens, elas podem ficar no indivíduo, elas podem ficar para ti, podem ficar para mim, mas, em um sentido geral de cultura pop, cultura nacional, ou algo do tipo, eu acho que já é mais difícil.

RTS: Talvez esteja difícil, mas uma guerra cultural poderia ser fácil?

GA: É... Pensando na Pablla [Vittar], por exemplo: Pablla *versus* Bolsonaro é uma imagem que, pronto, é imortal. É indestrutível. A Pablla chegou a um nível de imagem, algo tão grande que, para mim, houve momentos de 2018 e de 2019 em que as imagens pop de oposição não eram o Lula e o Bolsonaro, mas a Pablla e o Bolsonaro. Sabe uma coisa que eu acho muito doida na Pablla? É que ela abre brechas para discussão, dúvida e *bugs* não só no meio conservador, no sentido de: até travestis, não-binárias e LGBTQs ficarem confusas com a imagem dela, a ponto de ter travesti que disse assim: "Ah, a Pablla é uma travesti que não se assume"... O quanto a figura dela é chocante e conflituosa até mesmo para gente da comunidade. Ela é extremamente afeminada, você



vê ali uma mulher cis, às vezes. E aí você espera o quê? Que ela seja travesti. Mas ela vai com a voz e o corpo mais afeminado, mais cis possível, mais passável, e diz: “Não, gente, eu sou um homem”. É muito doido.

Considerações finais

Aproveitando esse último gancho, acreditamos que a Pablla seja o maior símbolo do terror anal (PRECIADO, 2009) no Brasil hoje, operação já observada em videoclipes de outras artistas, como Nicki Minaj (cf. SILVEIRA, 2015) e tantas outras divas pop. Ela é capaz de se apropriar de masculino e feminino e torná-los em caos Vittar — nos homens, nas mulheres, nas gays, nas travestis [Getúlio acrescenta: nas crianças, nos velhos] etc. Então, fabulamos que, partindo de Pablla e das outras artistas cuir que já mencionamos, abre-se um lugar na cultura que aprofunda o retorno da pombagira (DRAVET; OLIVEIRA, 2015), permitindo a aparição de uma pombagira travesti, e de uma santidade cuir, que embaralha e questiona os desejos e o quanto mais toca, visto que, no fundo, o desejo e o sagrado caminham assim: de mãos dadas.

Referências bibliográficas

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?*. Tradução de Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasil, 2015.

DRAVET, Florence Marie; OLIVEIRA, Leandro Bessa. “Novas imagens da pombagira na cultura pop: mitos, símbolos e estereótipos em circulação”. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 12, n. 35, 2015, p. 49-70.

OLIVEIRA JÚNIOR, Ribamar José de; ZAIATZ, Leonardo Lemos. “Vogue bike: cabra fêmea e outros horizontes subversivos nas paisagens do forró nordestino – a emergência de estéticas baitolas pelo ativismo”. In: III Encontro de Antropologia Visual da América Amazônica, 19 a 21 de setembro de 2018, Belém.

PRECIADO, Paul. “Terror anal”. In: HOCQUENGHEM, Guy. *El Deseo Homosexual. Terror Anal*. Espanha: Melusina, 2009.

SILVEIRA, Fabrício Lopes. “Terrorismo anal em Anaconda de Nicki Minaj”. In: Encontro Anual da Compós, 2015, Brasília.

Filmes e vídeos citados

Anitta, Mc Zaac, Maejor feat. Tropkillaz & DJ Yuri Martins - Vai Malandra [Official Music Video]. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/kDhptBT_-VI>. Acesso em: 20 de outubro de 2021.



Getúlio Abelha - Aquenda (videoclipe). 2019. Disponível em:
<<https://youtu.be/q3XnyYWJPw4>>. Acesso em: 20 de outubro 2021.

Getúlio Abelha - Laricado (videoclipe). 2017. Disponível em:
<<https://youtu.be/ig98KMa2ADs>>. Acesso em: 20 de outubro de 2021.

Getúlio Abelha - Perigo (Videoclipe Oficial). 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/i-Zly4YmLtU>>. Acesso em: 17 de janeiro de 2022.

Getúlio Abelha - Sinal Fechado (Videoclipe Oficial). 2020. Disponível em:
<<https://youtu.be/mEsufOrBFwA>>. Acesso em: 20 de outubro de 2021.

Getúlio Abelha - Tamanco de Fogo (videoclipe). 2018. Disponível em:
<<https://youtu.be/EI3o5HpGQoc>>. Acesso em: 20 de outubro de 2021.

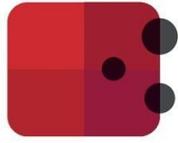
Getúlio Abelha - Vá Se Lascar! (Videoclipe). 2020. Disponível em:
<<https://youtu.be/7AcicV2SwTQ>>. Acesso em: 17 de janeiro de 2022.

Linn da Quebrada - Oração (Clípe Oficial). 2019. Disponível em:
<<https://youtu.be/y5rY2N1XuLi>>. Acesso em: 20 de outubro de 2021.

Pink Flamingos. Direção: John Waters. Produção: Dreamland/Saliva Films. Estados Unidos: Saliva Films/New Line Cinema, 1972. 1 DVD (93 min.)



rebeca



Revista Brasileira
de Estudos de
Cinema
e Audiovisual